

O livro de Todorov, *Em face do extremo*, nasce de uma inquietação provocada no autor por uma visita a Varsóvia, onde presencia o contraste entre a forte presença do povo polonês numa missa que marcava o assassinato, pelo serviço secreto, de um padre, Popieluszko, simpatizante do movimento Solidariedade, e o abandono do cemitério judeu. Como diz o autor, os mortos, no segundo caso, tinham sido mortos uma segunda vez, petrificados na lembrança. Todorov não se petrifica, criando um livro frente ao mal-estar nele suscitado por esse contraste entre memória viva e memória morta.

Apesar de que tanto o padre como os judeus tivessem sido todos assassinados por regimes totalitários, no caso dos judeus o peso devendo ser maior ainda pela extensão do assassinato, maciço, é, de fato, estranho e perturbador constatar a seletividade da memória... O que faz o autor? Vai em busca do passado para iluminar o presente, sublinhando inúmeras vezes no livro a importância da memória e da palavra não silenciadas. A psicanálise diria que ele tem razão, pois, como no caso comentado por Freud sobre uma criança pequena com medo de escuridão, pedindo à mãe que continuasse falando, mesmo depois que apagasse a luz do quarto, porque ficava mais claro quando alguém falava, só a elaboração do passado através do resgate pela palavra permite dissipar a escuridão de nossa ignorância medrosa, assentada no assassinato de nossa memória, num esquecimento conivente, cúmplice com o terror nosso de cada dia. Ignorância fértil para que o recalçado retorne ainda com mais força, quando e onde menos esperamos.

Todorov, criativamente, a partir do estranho mal-estar causado pelas visitas, faz uma viagem em sua própria história, ao

Para pensar a cidadania: Todorov e Freud em face do extremo

Resenha de Tzvetan Todorov, *Em Face do Extremo*, Campinas, Papirus, 1995, 350 p.

escrever um livro sobre outras histórias. Sente-se chamado pela humanidade perguntando-se, através do livro, o que é ser humano. O autor aborda, com assombro, o mistério do humano: como, apesar de tudo, ainda há virtude nos seres humanos, virtude surpreendente, no cotidiano, glorificando a vida, insistindo no amor, sempre, apesar de... Glorifica também a memória que, ao não ignorar o passado, possibilita a criação do novo. A convicção declarada, pelo autor, de que ignorar o passado pode levar à repetição do horror, é corroborada pela Psicanálise e pela história individual e social.

A partir de suas leituras sobre a insurreição do gueto judeu em Varsóvia em 1943, a insurreição em Varsóvia em 1944 e os campos de concentração, o autor começa pensando sobre o heroísmo: herói é aquele que, revolucionário, força o destino, não se acomoda ao existente, mais preocupado que é com o dever ser do que com o ser. Perseguido o impossível, o ideal, o herói acredita na "onipotência da vontade." (p. 14-15). Sacrificando-se pelas idéias, "só o absoluto" satisfaz o herói que é leal – "resquíio do código de honra cavaleiresco" (p. 17) – e solitário. O autor diferencia bravura, coragem que tem um objetivo, da bravata, gesto em que o risco não vem seguido de resultados. O que rege os heróis para quem a morte tem valor bem mais alto que a vida? Pode-se considerar a coragem de viver também heróica?

Segundo Todorov, as insurreições de 44 e 43 são diferentes pois enquanto a primeira não era inevitável, sacrificando "os interesses dos indivíduos ao amor das abstrações, e sua deflagração não ajuda ninguém" (p. 35), o movimento de 43, do gueto, foi uma declaração de amor à vida, reação "saudável" a uma política de extermínio. Diz ele: "O homem não tem necessidade de se revoltar de armas na mão para permanecer humano", a dignidade sendo "sempre e unicamente a de um indivíduo, não a de um grupo ou de uma nação", a honra não se lavando "apenas com o sangue do inimigo" (p. 36).

O mundo heróico é maniqueísta, aí residindo sua fraqueza, como bem analisa o autor, só existindo, para o herói, seu ideal, todo o resto se classificando em torno disso: os amigos e os inimigos, a coragem e a covardia, num "sistema de referências" conveniente para situações "orientadas para a morte", mas não para as "orientadas para a vida". (p. 21)

A função narrativa é indispensável em todas as sociedades, mas, como diz Todorov, quase sempre os relatos se referem ao herói clássico que necessita da narrativa que o glorifique, todo o resto que tece a

vida sendo silenciado. O autor irá chamar de "virtudes heróicas" as primeiras atitudes e de "cotidianas" as demais, uma dessas últimas sendo a dignidade que reafirma "a capacidade do indivíduo de permanecer um sujeito dotado de vontade." (p. 25)

O autor fala de salvadores cujas atitudes estão a meio caminho entre atos cotidianos e atos heróicos: seus atos não são violentos e exibem a coragem do herói, mas se concentram exclusivamente no bem das pessoas – desconhecidas, não só conhecidas, como no caso das virtudes cotidianas – não defendendo idéias, mas pessoas concretas. Os salvadores em geral estavam às margens, ou seja, eram avessos à normas, à obediência, ao enquadramento. Interessante notar que mesmo os salvadores, no fim das hostilidades, sentem culpa e vergonha, tal como os sobreviventes dos campos. Creio que isso está relacionado à impossibilidade de estabelecer, como o fazem os maniqueístas, uma linha divisória clara entre os maus e os bons, entre o patológico e o normal: somos todos de alguma forma responsáveis pelo social e culpados inconscientemente pelos assassinatos e ódios imaginários (alimentados pelo nosso narcisismo que odeia o diferente que nos afirma como incompletos). Não somos feitos de matéria diferente dos que chamamos de carrascos. O mal nunca nos é estranho, por isso mesmo não queremos ouvir o que ele tem a nos dizer sobre nós mesmos, pois fazê-lo implica questionarmo-nos radicalmente e vermo-nos em espelhos dolorosos, tais como os do campo de concentração, os quais nos oferecem caricaturas terríveis do ser humano, diferentemente das imagens que gostamos de imaginar e preservar de nós mesmos, eternos narcisos: "Nossa vida não se desen-

rola nos extremos. No entanto, uma das lições desse passado recente é exatamente a de que não há ruptura entre os extremos e o centro, mas uma série de transições imperceptíveis.” (p. 281)

Todorov escreve sobre o cuidado como uma das virtudes cotidianas voltada ao próximo e não ao longínquo, ao ideal, ao abstrato. A virtude cotidiana dirige-se ao humano materializado em seres concretos, enquanto o heroísmo dirige-se à humanidade em abstrato; como bem lembra o autor, em nome da humanidade quantas atrocidades são cometidas! Cita dois autores para os quais não interessava escrever a história, mas sim a memória, o cotidiano, desconfiados que estavam da massa, do graúdo como abstração. Para outros, “a história importa mais que a memória e a história precisa de heróis”, mas, “os monumentos obedecem as regras do gênero; não procuram dizer a verdade. O mato invade os túmulos do cemitério judeu de Varsóvia e os monumentos brancos, os relatos heróicos, cobrem com seu rebuliço as palavras e os gestos dos habitantes do gueto.” (p. 33) Essas palavras expressam o que perturba Todorov desde o começo: a memória desativada, memória do pequeno, do cotidiano, do que tece a vida, silenciada e encoberta pelos grandes monumentos.

Diz ele que as virtudes heróicas são mais prezadas pelos homens, enquanto as cotidianas o são pelas mulheres. Não estou bem certa disso, pois a valorização do heroísmo, passando pela problemática fálica, é, com frequência, reforçada pelas mulheres que diminuem, menosprezando, elas próprias,

o valor das virtudes cotidianas, estas mais silenciosas e silenciadas na cultura.

Todorov relaciona cuidado com maternagem e pergunta se não seria algo próprio às mulheres. Nesse contexto, diz que as mulheres sobreviveram aos homens nos campos, talvez por se apoiarem mais umas nas outras, na satisfação de estarem juntas, sem se endurecer e se sentir tão humilhadas, como os homens se sentiam, ante certas tarefas. Cita autoras, mulheres, que comentam que as mulheres suportavam melhor as torturas e outras penas do campo, sem se desesperarem como os homens, a quem (sintomaticamente, creio eu) chamam de frágeis e indefesos, inspirando compaixão maternal. Todorov cita autores, homens, que relatam atitudes por parte dos homens completamente diferentes das mulheres nos campos: os homens se mutilam sob as mesmas condições as quais as mulheres tornam-se calorosas.

Cuidados com o corpo, com a vida, maternagem para as mulheres e objetivos sociais concretos e solitários para os homens, são atribuições que, segundo o autor, com quem concordo, continuam vigentes, apesar de todas as mudanças sócio-culturais-econômicas nos últimos tempos. Mas, como entender as diferenças quanto a suportar a dor, a carência, a humilhação? Uma hipótese, calçada na teoria psicanalítica, é a de que a mulher desde sempre se sente desvalorizada, inferior aos homens, privada do que a eles é atribuído (atitude psíquica reforçada pelo social); dessa maneira, privações e humilhações em campos de concentração seriam para elas mais toleráveis e, talvez, oportunidade de demonstrar, na competitividade fálica, sua superioridade ao homem frente à miséria humana. Oportunidade, também, oferecida pelas condições atípicas extremas, de cuidar de outra (em vez

de competir com ela e temê-la em situações cotidianas não extremas), de mostrar o lado amoroso às igualadas no horror dos campos, em relações que reforçam e relembram os laços tão fortes e ambíguos com os quais toda mulher tem de lidar: o amor e ódio pela outra, mulher como ela e a mãe. Penso que Todorov ilustra o que tento dizer quando fala de sua mãe, abnegada, que não sabia viver de outro jeito, e dos cuidados por ela administrados a todos (inclusive a uma irmã celibatária e algo boêmia). As virtudes, cotidianas e heróicas, tema caro ao autor, estão relacionadas, a primeira, expressa em cuidado, com a mãe, e a segunda, expressa em objetivos sociais (abstratos? heróicos?), com o trabalho do pai. Parece-me que Todorov sintetiza sua questão de todo o livro quando elabora a seguinte pergunta: “Permanecer humano consiste em sacrificar-se a abstrações ou a cuidar de seres particulares?” (p. 94), pergunta que me parece relativa ao jeito de ser do pai e ao jeito de ser da mãe.

Todorov fala também da estética da morte e de como reagimos frente a ela, movidos pelo prazer de espectadores. Penso que aqui estão envolvidas outras questões, além do voyeurismo e da estética: o horror que temos de sermos privados de nossa vontade, passivos, ao sabor do desejo do Outro, como no caso dos que subiam aos trens que os conduziam à morte, bem diferente da morte encontrada na atividade, no combate durante a guerra. Acho que essa mesma razão está na base dos casos de estranhas escolhas mencionadas pelo autor: alguém, sabendo que irá ser condenado, de

qualquer maneira, por um crime que não cometeu, declara-se culpado; uma prostituta que ganha seu pão com práticas sádico-masoquistas nega-se a praticá-las numa companheira de campo; alguém, podendo escapar da morte, escolhe morrer acompanhando um filho, uma mãe, um amante, enfim, alguém que ama. Todorov explica tudo isso pela via da dignidade e do cuidado, afirmações do ser. Quem são esses que sustentam o desejo próprio sob quaisquer condições? Creio ser esse um dos enigmas que assombram o autor.

A morte, em alguns suicídios, estaria em função da vida, já que meio de manter a dignidade, diferente da morte nas virtudes heróicas, onde tem um valor absoluto. Em alguns casos chamam a atenção certas mortes que parecem uma apologia da morte, do absoluto, um menosprezo pela vida. O autor intui a presença da pulsão em sua forma mortal. Da mesma maneira a luta, como objetivo de vida, pode estar a serviço da morte. Nesse sentido é interessante o que aponta como conflito entre gerações: enquanto os mais velhos, valorizando os laços afetivos familiares, lutavam pela sobrevivência, os mais jovens, não tão submetidos a esses vínculos, clamavam por morte honrada. Diz o autor: “as mulheres e os homens casados, embaraçados pelo amor que têm a si mesmos, por seus filhos e por seus pais, que envelhecem, optam pelas virtudes cotidianas.” (p. 32) Estranha palavra por ele utilizada: por que o amor embaraça? Seria no sentido em que Freud dizia que o amor entre duas pessoas pode ser às vezes anti-social, já que não muito interessado no coletivo, amantes e amados importando-se somente com seus amores, seus ideais restringindo-se, narcisicamente, a eles mesmos? Estranho porque, no caso, o amor, ao querer conti-

nuar amando, luta pela sobrevivência. Amor humanizando uma vida desumana?

Belíssimo o papel do amor como o vê, em outro trecho de seu livro, Todorov: atormentado por sua história nos campos nazistas, um homem, Levi, ao encontrar uma mulher que o ama, transforma-se: “reconhecido pelo olhar e pelo desejo de outrem, é confirmado em sua humanidade” (p. 286), humanidade que o olhar do campo de concentração tenta tirar dos humanos, obrigando-os realizar ações abjetas.

A vivência do belo, na experiência estética, é pelo autor considerada virtude cotidiana que embeleza quem a vivencia. A capacidade de sentir a beleza é prova da permanência de vida. O mundo sem poesia é muito mais pobre, mais insuportável, sobretudo nas situações extremas. Por contraste com o horror, o belo se embeleza ainda mais.

Todorov confessa seu fascínio por Etty Hillesum, que combina virtude cotidiana com amor à vida, sensualidade, apologia do mundo interior, desligamento e descrédito do mundo exterior, sem que tudo isso a leve a ser passiva – ao contrário, era extremamente ativa junto aos seus companheiros de infortúnio – nem ao ódio. Suas atitudes são estoicas ou próprias do taoísmo oriental, seu ser deixando a individualidade e passando a se diluir no universal, no cosmo. Por outro lado, espanta sua capacidade de ver beleza e doçura em imagens de imenso sofrimento. Pensamos, como Todorov, que isso nos leva a querer que em algum momento ela deixe de transmutar o sofrimento “em beleza ou em fonte de felicidade” e saiba também “sofrer o sofrimento” (p. 250-251). Vemos que nela há,

como em alguns santos, um gozo no sofrimento, uma erotização da dor. Como bem diz o autor, há algo de sobre-humano nela, em sua plenitude e quase autonomia para gozar sempre, não importando a condição imediata. Apesar de fascinado, Todorov não está cego, percebendo que essa atitude de passividade, de entrega, presta-se ao extermínio (o gozo, nas paixões, pode ser mortal).

Em várias passagens do livro o autor sublinha a importância da memória e da palavra para o ser humano. O esquecimento, o silêncio, a não-elaboração do passado levam à repetição, ao pior. “(...) uma vida não é vivida em vão, se dela resta um traço, um relato para somar-se às inúmeras histórias que fazem nossa identidade (...)” e “falando de nós mesmos, contribuimos para estabelecer a verdade do mundo” (p. 111), enquanto, privados da palavra, perdemos nossa humanidade.

Todorov diz que abrir mão da vingança não significa perdoar nem esquecer, sendo necessária a justiça. Utilizar a palavra é uma das maneiras de se fazer justiça.

Todorov analisa também os efeitos catastróficos do totalitarismo sobre o ser humano quanto 1) à visão sobre o outro (sempre inimigo, se diferente); 2) à renúncia à universalidade, ou seja, o sujeito não se considera mais um entre outros representantes da humanidade e 3) aos efeitos de desresponsabilização do cidadão, utilizado como instrumento da vontade do Estado. A Psicanálise nos ensina que qualquer totalitarismo, de Estado ou de pessoas sobre outras, é catastrófico para o ser humano.

Parece-me também um efeito das condições (extremas) totalitárias o modo como voltam à casa os ex-prisioneiros dos campos; surpreendentemente, o retorno é decepcionante: os que sobrevivem não recebem o que esperavam, nada os ressarce dos horrores vividos. Não encontram o bem absoluto no

lugar do mal absoluto. Têm de lidar com a mornidão do cotidiano, tendo vivido o absoluto, a intensidade do limite (que lucidez a de Freud, em 1920¹, quando se debruça sobre o paradoxo da repetição do desprazer e da atração pelo abismal, em um de seus escritos mais instigantes, “Além do princípio do prazer”!). Diz Todorov, numa percepção aguda do estranho no humano: “Há algo de desproporcional entre a intensidade da vida [nos campos], ainda que essa vida não seja feliz, e a mediocridade da felicidade [fora dos campos], a ser presumida mesmo quando a ela aderimos. (...) Como comparar dois valores incomensuráveis? No entanto (...) a vida humana não deve obedecer às exigências heróicas do absoluto, deveríamos poder aceitá-la com seus pequenos infortúnios e suas alegrias simples. Mas isso nem sempre é fácil.” (p. 293)

No epílogo, o autor admite que só reconheceu o que perseguia no fim da caminhada. O ocorrido nos campos interessa não pelos atos em si, mas no que revela, no extremo, sobre o humano. Não interroga os regimes políticos mas as experiências dos indivíduos. Preocupa-se com a memória exemplar que busca o que se repete sob a aparência de único. Afirma a necessidade de preservar as diferenças entre homens e mulheres. Menciona a subestimação dos valores femininos pelo discurso dominante. Tudo isso vai de encontro ao que eu havia dito anteriormente, sobre a preocupação do autor em explorar as diferenças entre virtudes heróicas e cotidianas exemplificadas, respectivamente, entre outros, por seu pai e por sua mãe. As primeiras, mais aparentes, fazem mais estardalhaço, são mais fáceis de ser notadas e reconhecidas. As segundas, mais silenciosas, ocorrem nos bastidores do cotidiano, sendo mais difíceis de se

dar a notar e reconhecer. O livro começa com uma diferença que o inquieta: o estardalhaço das celebrações da morte do pa(i)dre e o silêncio no cemitério dos judeus (os menos-prezados, os diferentes) mortos no cotidiano silenciado dos campos... A quantos matamos cotidianamente com a nossa indiferença cotidiana ao cotidiano, com a nossa cegueira vinda de um olhar atento somente ao aparente, ao vistoso, ao espetacular, com uma escuta surda, insensível ao silencioso?

Penso que a leitura do livro de Todorov pode ser ainda mais rica se a conjugamos com a leitura de “Psicologia das Massas e análise do eu” de Freud que, creio, ajuda a pensar as questões que a Todorov inquietam, referenciadas aos campos de concentração, sobre a natureza humana capaz tanto do mais sórdido como do mais sublime. Freud afirma que há em todos os seres humanos disposição ao ódio e à agressividade, o egoísmo só encontrando limites no amor aos outros.

Há uma frase de Freud que me parece das mais pertinentes no contexto do que aqui tratamos – humanidade, memória, palavras, dignidade, situações extremas – “não gosto de ceder à pusilanimidade. Nunca se sabe aonde pode nos levar tal caminho: começa-se a ceder em palavras o que se acaba, às vezes, por ceder em coisas.”²

NOTAS

1. S. Freud, “Más allá del principio del placer”, (1920), in *Obras Completas*, vol. III, Madri, Biblioteca Nueva, 1981.
2. S. Freud, “Psicología de las masas y análisis del yo”, (1921), in *Obras Completas*, vol. III, Madri, Biblioteca Nueva, 1981, p. 2577. Tradução minha.

Maria Augusta Rondas Speller é psicóloga, psicanalista, professora doutora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.